

VISÃO ESCATOLÓGICA APRESENTADA PELA ÚLTIMA DÉCADA DO SÉCULO XX

Marcos Silva*

O historiador francês René Remond, em sua obra *Introdução à História de Nosso Tempo*, ao concluir sua análise sobre o século XX, ainda na década de 1970, ressaltou a importância da Europa para o presente século, tendo em vista que daquele continente partiram as tentativas de unificação do mundo. Mais ainda,

idéias, sistemas filosóficos, modelos de organização política ou social continuam a inspirar-se largamente na Europa, a ser tomados de empréstimo da Europa, ou dos seus herdeiros, como os Estados Unidos. Na ordem política, o sonho de todos os chefes dos novos governos, a aspiração de todos os povos recém-emancipados são estados concebidos segundo o modelo do Ocidente. As próprias noções que eles invocam, vocábulos como Estado, Nação, Democracia, Povo, tudo isso foi elaborado e experimentado pelos países da Europa...¹

A seguir o autor apresenta aquilo que seria a pergunta mais fundamental feita à humanidade de hoje: “A evolução parece dirigir-se para a unificação ou, ao contrário, para a perpetuação das divisões tradicionais?”² No seu entendimento, àquela altura, ainda não havia uma resposta decisiva: o surgimento eventual de uma civilização única para toda a humanidade.

Reconhecidamente, nos anos 70, a análise histórica não permitiria uma maior definição diante da questão, no entanto, já naquela época o autor reconhecia que “estão em plena operação forças intelectuais, espirituais e ideológicas das doutrinas ou dos movimentos, que se propõem unificar o mundo, que tendem conscientemente para isso, afirmando a unidade do gênero humano.”

Certamente que qualquer analista contemporâneo neste final de década, está mais convencido das poderosas evidências de um grande movimento mundial de unificação ideológica, política, econômica e espiritual, não deixando de reconhecer alguns elementos dispersivos, como a xenofobia ressurrecta, especialmente no primeiro mundo, mas que recebe amplo combate.

A Importância do Ano de 1989

Neste sentido, a análise da década de 90, justifica-se especialmente porque foi antecedida pelo importante ano de 1989, que deverá se consagrar na historiografia como um grande marco contemporâneo, candidato a balizar futuras

*Marcos Silva, mestre em Filosofia da Educação, é professor de História e Filosofia no IAENE. Atualmente cursando o doutorado em Educação na UNIMEP, Piracicaba-SP.

¹René Rémond, *O Século XX: introdução à história de nosso tempo* (São Paulo: Cultrix, 1981)

²*Ibid.*

periodizações.

O primeiro semestre do ano de 1989 foi tomado principalmente por dois acontecimentos: o movimento estudantil na China pela Democracia com o subsequente massacre em Pequim e as discussões, publicações e festejos do Bicentenário da Revolução Francesa (Julho/1789), o movimento que lançou as bases político-ideológicas do mundo contemporâneo sobre um fundamento iluminista.

No segundo semestre, impulsionada pelos ventos da *Glasnost* e *Perestroika* de Mikhail Gorbachev, assistimos à chamada “Revolução Européia,” com acontecimentos numa cadência tão acelerada que assustou os leigos em História.

Os ideais que foram celebrados no Bicentenário da Revolução Francesa, demonstraram ser os princípios ideológico-políticos que estavam unificando o mundo e os mais defendidos e acariciados no mundo contemporâneo: A democracia moderna.

Como disse o presidente George Bush em novembro de 1989, logo após a Queda do Muro de Berlim: “Os anos 90 serão a década da Democracia.” Na mesma época Mikhail Gorbachev defendeu a tese da “casa comum européia”. Estas são duas tendências ou realidades atuais que precisam ser compreendidas.

Na realidade o efeito dominó que se instalou no final de 1989, provocando a queda dos regimes comunistas dos países do leste, deixou a Europa em situação de instabilidade, ainda mais que os acontecimentos contaram com ampla participação popular.

Foi o povo nas ruas, as multidões que ajudaram a inverter a ordem estabelecida. Isto assinala uma das grandes características deste século; o predomínio da vontade da maioria. Quase nada detém a multidão.

Lembramos da Praça da Paz Celestial. Mas isto é cada vez mais censurável, irrealizável e politicamente inadequado. Por isso é preciso abortar as multidões!

Desmobilizar, despolarizar, tornar a participação cada vez mais virtual. Tudo se faz para consultar a opinião pública por meio de pesquisas, estatísticas, participação pelo telefone, etc.

À Democracia Moderna o que interessa mesmo são as chamadas “maiorias silenciosas”, cujos efeitos o filósofo francês Jean Baudrillard apresentou em uma de suas obras.³

A Revolução Democrática no Leste Europeu, tem sido comparada a um grande desentupidor, trazendo à tona tudo que vinha sendo represado no Leste: renasceu o nacionalismo e as guerras étnicas; a extrema direita, através de grupos neonazistas voltou a promover o terror; os movimentos das monarquias nacionais apresentou-se defendendo seus direitos; ocorreu um despertar para a religiosidade, outrora proscrita; tudo que antes não pudera ser experimentado encontrou pessoas ávidas por gozar.

A importância de entender o alcance destes acontecimentos é grande. De tal forma que, no dia 1 de Maio de 1991, o Papa João Paulo II, publicou uma

³À *Sombra das Maiorias Silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas* (São Paulo: Brasiliense, 1994).

Encíclica, na qual um dos seus seis capítulos intitulava-se “O Ano de 1989.” Ora, os estudantes da Bíblia precisam estar atentos aos sinais dos tempos para não ficarem alheios ao curso da História.

Vitória da Ideologia Democrática

Diante destes fatos, já podemos determinar o grande arcabouço comum, que pode abrigar todas as tendências unificadoras atuais: A Democracia Moderna. O princípio democrático de governo se converteu hoje num grande arquétipo universal. E ao reconhecermos isto estamos muito longe de pretender a defesa de qualquer espécie de totalitarismo; tão somente esta é uma constatação irrefutável.

Hoje, as pessoas já chegam a exigir um Deus “democrático” em seus princípios de governo universal. Nos próprios países árabes do Oriente Médio, pessoas defendem uma nova ordem democrática para a região. O Kuwait é um modelo de Democracia adaptado às circunstâncias do Oriente Médio.

O único grande foco de resistência é a China, que rendeu-se à liberdade de mercado, mas controla rigidamente a política por meio do Partido Comunista. De um modo geral, numa análise de natureza psicossocial, considera-se que o povo do extremo oriente, aceita melhor governos fortes (com tendências ditatoriais).

Depois dos acontecimentos do final de 1989, surgiu o cientista político Francis Fukuyama pregando o fim da História, com isto significando a conclusão da busca de um regime político. O processo histórico evoluindo de Feudalismo, Monarquia, Fascismo, Comunismo, ao atingir a Democracia Liberal teria concluído o ciclo.

O grande problema do sistema democrático ocidental é a convivência com as minorias e o reconhecimento dos seus direitos. E isto nos deve preocupar particularmente. Lembremos dos testemunhos históricos do que já aconteceu com as minorias étnico-religiosas.

A propósito, o pensador francês Alexis de Tocqueville, no início do século XIX, ao visitar os Estados Unidos, examinando o funcionamento da moderna democracia, expressou sua preocupação com a liberdade pessoal ou individual e o receio da uma tirania da maioria.

Unificação de Cosmovisões

Aliando-se esta realidade do triunfo do sistema democrático, com a massificação produzida na sociedade industrializada por meio da chamada indústria cultural, onde ocorre a homogeneização da visão de mundo das populações, temos uma grande estrutura político-ideológica com capacidade de alienar as massas para a defesa de ideologias que se tornaram o senso comum.

Não só isto, “mas, de uma a outra extremidade do planeta, impõe-se o mesmo modelo massificado de vida cotidiana.”⁴ Esta complexa condição da Psicologia Coletiva atual, cujo espaço não nos permite aprofundar considerações,

⁴Jean Chesneau, *Modernidade-Mundo* (Petrópolis: Vozes, 1995), 53

evoca o que se encontra em Apocalipse 17:17: “Porque Deus tem posto em seus corações que cumpram o seu intento, e **tenham uma mesma idéia**, e que dêem à besta o seu reino, até que se cumpram as palavras de Deus” (ARC, grifo suprido).

Globalização

Além da identificação de princípios políticos e tendência à unificação de cosmovisões, na qual o movimento ecológico desempenha importante papel, assistimos também ao crescente predomínio do princípio econômico da liberdade de mercado.

No ensejo desta prática se forjam as uniões de caráter econômico entre as nações. A principal é a Comunidade Econômica Européia (CEE). O Tratado de Maastricht quer derribar as fronteiras e fundir um número crescente de nações européias num megaestado. Isto nos faz pensar no que diz a profecia de Daniel 2 no versículo 43.

Em resumo, a economia internacionalizou-se a ponto de derrubar barreiras nacionais, unificando mercados e filosofias econômicas. É o processo de “Globalização” que, segundo alguns, teria iniciado no final do séc. XV, com a expansão comercial e marítima européia.

Enormes regiões estão vivendo uma interdependência econômica nunca dantes experimentada, levando a economia mundial em um enorme vagão, cujo descarrilamento pode trazer conseqüências surpreendentes. Tal perigo se comprova pelo enorme investimento feito pelos Estados Unidos recentemente para salvar a economia do México da bancarrota.

O mercado financeiro mundial, funciona as 24 horas do dia, interconectado pelos computadores aliados aos satélites espaciais, fazendo milhões de dólares viajarem sob a lógica fria do interesse material, determinando o destino de nações e populações inteiras, fragilizando os próprios Estados Nacionais.

Esta panorâmica da economia mundial que continua perpetuando a injustiça social e a concentração de renda, cumpre como nunca a descrição apocalíptica de Apocalipse 18:23, ao referir-se à burguesia dominante e ao sistema capitalista, comprometidos com os interesses de dominação da Babilônia mística: “porque os teus **mercadores** eram os grandes da terra” (grifo suprido).

Revolução Tecnológica

Como se pode observar, as chamadas macrotendências dos últimos anos, são interdependentes e todas associadas ao desenvolvimento tecnológico, especialmente da informática e telecomunicações.

“Reger toda a terra...” Tal é a lógica do tecnocosmo. A informática introduz uma linguagem mundial, uma rede mundial (...), um mercado mundial, normas mundiais...⁵

⁵*Ibid.*, 110.

Já existe nos Estados Unidos o movimento dos “americanos desplugados” ou neoluditas, preocupados com a tirania da sociedade tecno-industrial.

A preocupação básica é que os defensores da expansão das tecnologias emergentes não estão interessados em analisar se elas são boas ou ruins para a sociedade.

Os defensores da revolução tecnológica ilustram seu sucesso com o exemplo da Colmeia, onde através das redes de comunicação como a *Internet*, formar-se-á uma “inteligência social,” na qual as partes que a compõem estarão abrindo mão de sua inteligência individual.

Portanto, segundo os estudiosos, o resultado da revolução tecnológica será o fim dos direitos individuais, a alienação da humanidade num grau nunca visto.

Mark Slouka, da Universidade da Califórnia, afirma que, “a evolução do homem será conduzida de uma forma tirânica.”⁶ Segundo ele, isso é inevitável, mas só deveria acontecer daqui a uns 10 mil anos. O problema é que tudo está acontecendo muito rápido e tudo isto é imposto sem questionamento.

João profetizou: “E a besta foi presa, e com ela o falso profeta, que diante dela fizera os sinais, com que enganou os que receberam o sinal da Besta” (Ap 19:20, grigo suprido).

A Volta à Religiosidade

O conjunto destas modificações, atinge o homem de uma maneira sem precedentes na história das revoluções nas técnicas. A própria identidade humana está abalada, o que se comprova pelo niilismo de muitas manifestações culturais e hábitos cotidianos, que integram o chamado pós-modernismo.

Entretanto, num movimento de refluxo, parece que o vazio das práticas e teorias cotidianas prevalecentes na tecnópole têm arrastado grandes contingentes populacionais, no mundo todo, de volta à religiosidade.

O cientista político francês Gilles Kepel escreveu um livro muito interessante no qual onde analisa a onda crescente de religiosidade até mesmo na secularizada Europa.⁷

O cerne do livro está em apresentar o que o autor chama de movimentos de “re Cristianização,” “re islamização” e “re judaização” que estão em operação nas mais diversas partes do planeta.

Estes movimentos se propõem a novamente dar uma fundamentação religiosa a todas as manifestações sociais, políticas, culturais, etc. Os quais teriam como ponta de lança uma perspectiva política.

Conseqüentemente, a separação entre Igreja e Estado, consagrada pela burguesia revolucionária no final do século XVIII e século XIX, prevalecente até hoje no Ocidente, está sendo por demais questionada.

A própria Campanha da Fraternidade da Igreja Católica no Brasil, durante o

⁶Folha de São Paulo, caderno 1 (12/11/1995), 15.

⁷A *Revanche de Deus: Cristãos, Judeus e Muçulmanos na Reconquista do Mundo* (São Paulo: Siciliano, 1991).